

CENTRO-NORDESTE NA ÚLTIMA FASE

21/7/82

Entraram na última fase de execução, os trabalhos de construção da Estrada Centro-Nordeste, a maior obra rodoviária do País que com um atraso de cinco anos em relação ao prazo inicialmente previsto ficará concluída em 1984. Desbravando florestas, rasgando montanhas e transpondo inúmeros rios, a Centro-Nordeste permitirá pela primeira vez ligar por estrada asfaltada os dois extremos do País, desde Maputo até Mocimboa da Praia, em Cabo Delgado.

Com uma cobertura betuminosa dividida em cinco grandes laços (troços) a Estrada Centro-Nordeste abrange as Províncias de Sofala, Zambézia e Nampula, num percurso que totaliza cerca de mil quilómetros.

Ao longo da sua extensão, a construção desta obra implicou a edificação de um total de 32 pontes em betão, entre o Rio Zambeze e Nampula, das quais se destaca como obra estrutural mais importante a grande ponte sobre o Zambeze — a maior do País.

Há cerca de doze anos, quando a obra foi adjudicada, o seu custo total estava avaliado em um milhão e 200 mil contos. Mas hoje devido ao agravamento do custo de equipamentos e matérias-primas nos mercados internacionais e da própria mão-de-obra aquela cifra elevou-se para cerca de oito milhões de contos.

ANTECEDENTES

Projectada no regime colonial, a construção da Estrada Centro-Nordeste aparece inserida na tentativa empreendida pelo Governo colonial português no começo da década de 70, para reganhar o apoio colonizatório que lhe fugia cada vez mais, com a intensificação da Luta Armada de Libertação Nacional.

O próprio estudo prévio elaborado pela então Junta Autónoma de Estradas de Moçambique demonstra claramente essa ideia, ao lembrar tão tardiamente que a necessidade de desenvolvimento equilibrado de Moçambique e da existência duma rede rodoviária unificada e promotora de mais fáceis e rápidos contactos humanos e económicos entre as grandes regiões da Província levaram à formulação dum extenso plano de construções rodoviárias a executar na presente década.

SAQUE E CORRUPÇÃO

Levada a concurso no ano de 1973 a Centro-Nordeste começou

logo mal ao ser adjudicada ao «Consórcio Azevedo Campos». Este consórcio era uma espécie de empresa fantasma em Moçambique, porque apenas tinha escritórios e trabalhava com capitais emprestados pelo ex-Banco Nacional Ultramarino.

Para ganhar o concurso, o «Consórcio Azevedo Campos», cuja sede estava localizada em Portugal, apresentou um orçamento muito baixo (um milhão e 200 mil contos). Além disso teve de comprar faturas e

IMPORTÂNCIA ACTUAL

Com a Independência Nacional, «Azevedo Campos» abandonou rapidamente a empreitada da obra e muitos dos técnicos estrangeiros então contratados deixam o País.

No entanto, a desorganização das inúmeras dificuldades decorrentes da desorganização que se seguiu, o Governo moçambicano mobilizou os trabalhadores envolvidos na obra e deu seguimento à sua construção, já que se trata da única ligação por

«Nordeste, reside sobretudo no facto de ela permitir a interligação entre as principais regiões agrícolas e industriais, centros de consumo e exportação, o que trará, necessariamente, benefícios para o desenvolvimento do País»

FASE DOS TRABALHOS

Neste momento decorre a última fase dos trabalhos desta obra em diversas frentes desde o Rio Zambeze até ao Alto Ligonha, encontra-



A construção de estradas ao longo do País, facilitando o escoamento de produtos, é uma importante ajuda para a solução do problema do abastecimento

avaliadores diversos do Governo colonial como por exemplo a «Cultura» de 500 contos feita a um tuncinamento superior do então BNU para este garantir a credibilidade da empresa perante os financiadores estrangeiros do projecto. Era assim que os grandes negócios se resolviam no tempo colonial.

Ao «Consórcio Azevedo Campos» interessava ganhar este projecto para receber o abono dado pela adjudicação da obra no valor de 250 mil contos, colocando logo 25 por cento em Portugal, como fazia parte do contrato. E isso lhe permitia salvar da falência uma outra firma do mesmo patrão denominada «ACIL».

via terrestre entre o Norte, Centro e o Sul do País.

Gradualmente, as dificuldades relacionadas com a falta de capacidade técnica interna das empresas construtoras foram sendo superadas, quer com a afectação de quadros estrangeiros especializados no sector, quer com o envio de moçambicanos para se especializarem no exterior, ao abrigo dos acordos de cooperação firmados com países amigos.

É no quadro desta mobilização de esforços que a empresa estatal moçambicana CETA é adjudicada a construção dos diferentes laços para a conclusão desta estrada.

A importância da Estrada Centro-

do-se em construção os últimos 562 quilómetros na Província da Zambézia.

Caso sejam pontualmente resolvidas as dificuldades de fornecimento de matérias-primas e garantida a entrega a tempo de explosivos, cimento, ferro e lubrificantes e madeira, prevemos concluir toda a obra em 1984 — explicou o director-geral da CETA, empresa construtora.

Movimentando cerca de 3 500 trabalhadores só na Província da Zambézia a Estrada Centro-Nordeste está a ser construída em frentes de trabalho nos troços de Rio Ligonha-Alto Molocué, Alto Molocué-Nampulo, Mocimboa-Nampulo e Nampulo-Rio Zambeze.